

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
20 de fevereiro de 2025

Schneewitchen / 2024

Um filme de Stanley Schtinter

Realização Stanley Schtinter / **Produtor** Gareth Evans / **Argumento** Robert Walser (a partir de "Fairy Tales", traduzido do alemão por James Reidel e Daniele Pantano) / **Direção de Fotografia** Sean Price Williams / **Som** Joshua Bonnetta / **Interpretação** Julie Christie, Stephen Dillane, Toby Jones, Stacy Martin, Hanns Zischler

França, Reino Unido / Cópia: 35mm, cor, versão original sem legendas, 70 minutos / Primeira apresentação em Portugal

COMENTÁRIO DO REALIZADOR

O texto de Walser é uma adaptação desencantada de um conto de fadas, que começa onde termina a história de BRANCA DE NEVE, tal como é mais comumente contada. Os anões são eliminados. O príncipe nunca consegue o que quer com Branca de Neve. A maçã envenenada é uma encenação, uma peça de teatro ou mesmo uma brincadeira. Na narrativa de Walser, as nossas personagens são dotadas de agência e ambivalência, conscientes dos papéis que estão a desempenhar e conscientes de que é o público que conta e reconta as mesmas histórias cansadas que as mantêm presas, condenadas a repetir os seus papéis horríveis vezes sem conta. Walser pode estar a perguntar discretamente se nós, o público, devemos esperar mais da nossa versão da realidade se não contarmos histórias melhores.

Não é claro se o escritor pretendia que o seu texto - o primeiro que publicou - fosse representado. (A primeira ambição de Walser tinha sido tornar-se ator.) Mas está na página como guião, e em SCHNEEWITTCHEN usamos o texto sem interferências (a não ser que consideremos a tradução uma violação), como fez João César Monteiro para o seu filme BRANCA DE NEVE (2000), uma decisão e uma abordagem que imitamos conscientemente. SCHNEEWITTCHEN é uma americanização do filme português. Se BRANCA DE NEVE de Monteiro olhava para o vazio, SCHNEEWITTCHEN pretende ser o vazio a olhar para ele.

Há alguns anos, refletia sobre o predomínio dos *revivals* e *remakes* de *franchise* no inferno hiper-capitalista da cultura cinematográfica atual. Pensei: qual é o último filme que seria refeito neste momento, refeito por esta cultura? E é certamente a BRANCA DE NEVE de Monteiro. Aí está a primeira motivação. Que este seja o último *remake* - sendo que o último, para mim, implica algo a seguir, ou melhor: um começo.

SCHNEEWITTCHEN só será exibido nos cinemas e numa cópia 35 mm. Nunca será transmitido em *streaming* nem exibido digitalmente. Isto não é fetichista nem reacionário: se filmamos em película, então devemos exibir em película, e a película continua a ser o

melhor que temos. Por mais magnífico que seja, o digital é numérico, é plano. Uma representação morta da matéria viva. O sinal analógico, por sua vez, são ondas; é matéria viva, e move-se como a matéria viva se move. Tremeluz como o fogo tremeluz. Capta, e os fantasmas dançam. Não é preciso ser um aficionado ou um snob para reconhecer isto - pelo contrário, é algo que creio que sentimos. O gesto de limitar aparentemente a exibição da obra desta forma é também uma celebração do espaço e da experiência do cinema, do significado da presença e de estarmos juntos numa sala, e das possibilidades da viagem de ida e volta.

Pelo seu exemplo, agradeço em primeiro lugar ao João César Monteiro. Pelo seu esforço na organização desta sessão, agradeço à Ana Baliza, e pela sua realização agradeço às extraordinárias pessoas que integram a Cinemateca Portuguesa, entre as quais a Joana Ascensão, partilhando como nós o meu primeiro terramoto, no dia 17 de fevereiro, enquanto a cópia que vão ver esta noite se desenrolava pela primeira vez, dentro da sala da Cinemateca.

— Stanley Schtinter